



## **ANÁLISE DA CULTURA DA PAZ COMO POLÍTICA PÚBLICA PARA PREVENÇÃO E COMBATE AO BULLYING E A RELAÇÃO ENTRE A MEMÓRIA-CORPO BERGSONIANA NO AMBIENTE FOUCAULTIANO DO BIOPODER**

ANALYSIS OF PEACE CULTURE AS A PUBLIC POLICY FOR THE  
PREVENTION AND COMBAT OF BULLYING AND THE RELATIONSHIP  
BETWEEN BERGSONIAN MEMORY-BODY IN THE FOUCAULTIAN  
BIOPOWER ENVIRONMENT

*Giovanna Back Franco<sup>1</sup>*

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória-corpo. Biopoder. Violência.

**KEYWORDS:** Memory-body. Biopower. Violence.

A memória pode ser compreendida em diversas dimensões, no entanto, no presente trabalho, enfatizou-se o aspecto social-histórico da memória, por meio do método dedutivo, objetivando a compreensão da relação bergsoniana “memória-corpo”, no contexto foucaultiano do biopoder, na proliferação de comportamentos hostis e violentos.

A partir do método hipotético-dedutivo, a hipótese levantada pelo trabalho é a de que a sociedade atual, por meio de políticas públicas, como a cultura da paz, tem trabalhado no sentido de reduzir os fatores determinantes para a expressão de comportamentos agressivos e violentos, ao promover um ambiente pacífico, em que as potencialidades dos seres humanos pudessem ser desenvolvidas da melhor forma possível.

Existe uma complexa relação entre a memória coletiva e o corpo disciplinado na perpetuação cultural da violência, impulsionada pela competitividade e individualidade do modo de produção capitalista. Por isso,

---

<sup>1</sup> Professora adjunta no Centro Universitário Assis Gurgacz, pesquisadora do Grupo de Pesquisa do Curso de Direito FAG “Jurisdição, mercado e fronteiras”. Advogada. Mestre em Ciências Jurídicas pelo Centro Universitário de Maringá. Graduada em Direito pela Universidade Estadual de Maringá. [giovanafranco@edu.fag.br](mailto:giovanafranco@edu.fag.br)



objetivou-se nesse trabalho compreender a relação bergsoniana “memória-corpo” no contexto foucaultiano do biopoder e de que maneira isso influencia a proliferação da violência, especialmente no ambiente escolar, que deveria ser de diálogo e da abertura de possibilidades.

No que tange à chamada co-relação memória-corpo ou matéria-espírito, definida por Gilles Deleuze (1995) e Henri Bergson (1999), há uma perspectiva social da construção da memória, a partir da noção da habituação do corpo, pelo “decalque”, relacionado a comportamentos sociais úteis à sobrevivência, que vive em “simbiose” com os aspectos imanentes do indivíduo, dando-lhe os aspectos criativos e intuitivos. É uma memória implícita adquirida pela repetição (FERREIRA, 2008, p. 31-37).

Nesse sentido de análise da ontogenia do comportamento, entende-se a agressividade como um mecanismo genético e adaptativo frente à adversidade. Assim, na perspectiva da construção social da memória, Vinícius Dornelles (2012, p. 77) destaca a importância do ambiente para o resgate e reforço do hábito, sendo agravado no ambiente capitalista, em que o biopoder é responsável pela disciplina dos corpos, para que sejam úteis e eficientes, de acordo com os ensinamentos de Foucault.

O biopoder (poder sobre a vida), em uma aproximação da concepção de memória histórica, exsurge da combinação entre a disciplina e o hábito, no reforço das funções utilitaristas dos corpos, reduzindo-se à atuação do espírito na execução das ações volitivas, adestrando o corpo à práxis (FOUCAULT, 2009).

Nesse sentido, a subjetividade capitalista produz corpos e relações, em conformidade com o jogo de interesses econômicos e políticos, através do contínuo reforço do hábito, inclusive de instintos agressivos, modelo esse que é reproduzido no ambiente escolar (uma das instituições para formação do ser humano moderno), para formação utilitária do indivíduo e legitimação de interesses (RODRIGUES, Luís Carlos, 2017, p. 57).

A violência, como reação irracional frente aos conflitos, fruto da memória implícita de comportamentos “decalcada” na cultura humana, é um mecanismo



de ocultação da violência real e da crise no campo ético diante da ausência de diálogo e de uma construção democrática da sociedade pela imposição de um padrão de corpos e comportamentos, através do biopoder.

Tendo isso em vista, trouxe-se a hipótese de que a educação para a paz, com a pacífica resolução de conflitos, traria a possibilidade de um ambiente propício ao desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, por limitar os fatores ambientais de expressão da agressividade e da violência, que atentam contra a personalidade, especialmente de indivíduos em formação. Isso se houvesse estímulos ao pensamento crítico, ao aspecto criativo e intuitivo do ser humano (Leila Maria Torraca de Brito, 2014).

A cultura da paz estaria em conformidade com a noção moderna da educação, de modo que seria papel da escola, além da instrução e da profissionalização, conjuntamente com a família e o Estado, a difusão de valores para o enfrentamento de problemas sociais. Essas funções da escola estariam vinculadas a um espaço destinado à percepção consciente, forma de conhecimento complementar ao hábito (ferramenta do biopoder), destinada à transformação do ser humano.

Na perspectiva foucaultiana, porém, conclui-se que essa educação é essencialmente de controle, não só do corpo, mas da alma, com a interiorização de valores e comportamentos cooperativos, fundamentais à utilidade e à eficiência desses indivíduos no âmbito social, sob um pretenso pretexto de liberdade (PANIAGO; FERNANDES, 2013, p.70).

É, pois, a biopolítica atuando sobre o comportamento individual, docilizando-o e tornando-o padronizado, a partir da supressão da identidade individual frente às formas de regulação social. Sob a alegação de garantir a autonomia e o pleno desenvolvimento do indivíduo, realiza-se a formação utilitária do reforço do hábito.

Se na era paleolítica os genes da agressividade se desencadeavam a partir da luta pela sobrevivência do corpo, na atualidade, eles o fazem diante da sobrevivência social, pela adequação de valores e comportamentos, os quais lastreiam a competitividade, fundamento do atual sistema de produção. É



repetição da memória do hábito para o decalque, no corpo e no espírito, de condutas determinadas de acordo com a subjetividade capitalista, que se dá pela disciplina e através dos dispositivos escolares, essencialmente quando se leva em conta o objetivo de profissionalização incorporado à educação (Veiga-Neto, 2003, p. 140).

No intuito de combater a violência, portanto, atua-se com violência à personalidade e à individualidade, embora oculta e sub-reptícia. Não combate os reais motivos da violência, os quais sustentam esse sistema de desigualdade e exclusão, mas controlam condutas, a fim de criar corpos e consciência úteis aos propósitos do sistema.

Dessa forma, embora o objetivo de compreensão da relação memória-corpo, proposta por Bergson, no contexto do biopoder, trabalhado por Foucault, para a proliferação da violência, essencialmente em ambientes escolares, tenha sido cumprido, sem que se esgotasse o tema, a hipótese inicialmente proposta de que a cultura da paz seria um instrumento para combate do apontado não foi validada, tendo em vista que a educação, na atualidade, está a serviço dos interesses de alguns e da padronização de muitos, em nome da eficiência. A percepção, fruto do discernimento, e a intuição são desprezadas para valorização da repetição do hábito até o seu decalque.

Em conclusão, verificou-se que a eficácia da implementação da cultura da paz na educação como mecanismo para a minimização da repetição do hábito e fomento da percepção intuitiva, a fim de impedir as condutas violentas, oriundas da agressividade, no ambiente escolar é falácia, especialmente diante da perspectiva foucaultiana sobre o modelo educacional, fundamentado no biopoder. Há a tendência da sociedade de controle de regular não só os corpos, mas também as almas e consciências, através das redes de relacionamento interpessoal e da repetição do hábito.

É preciso a constante recriação e intuição criativa bergsoniana, desmistificando as figuras tradicionais da escola, para que a autonomia ou maioria, propostas por iluministas como Kant, não criem atalhos para a submissão e a normalização de corpos dóceis e úteis.



## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRITO, Leila Maria Torraca de. *Bullying e cultura de paz no advento da nova ordem econômica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V.1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DORNELLES, Vinícius Guimarães, et.al. Bases genéticas evolucionistas do comportamento social agressivo. p. 55-86. In: DORNELLES, Vinícius Guimarães, et.al. *Bullying: avaliação e intervenção em terapia cognitivo-comportamental*. Porto Alegre: Sinopsys editora, 2012.

FERREIRA, Flávia Turino. Rizoma: um método para as redes? In: *Liinc em revista*, v.4, n.1, mar./2008. Rio de Janeiro, p. 28-40.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. 36.ed. Rio de Janeiro: Petrópolis Editora, 2009.

PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. O corpo educado: a escola como dispositivo disciplinador na sociedade de controle. In: *Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*. Vitória da Conquista, v.2, n.2, p. 68-77, 2013.

RODRIGUES, Luís Carlos. *A relação memória e corpo na educação física: uma experiência do PIBID-FURB*. Maringá: IDDM Editora, 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.